

DOS POBRES À
“VISIBILIDADE ECLESIAÍSTICA”?
A PROPÓSITO DOS 20 ANOS DE PUEBLA

Puebla de los Ángeles sediava, há 20 anos, a III Conferência Geral do Episcopado Latino-americano. Marco significativo na história da Igreja da América Latina e do Caribe.

Há muitas maneiras de lembrar uma data histórica. Em perspectiva saudosista, por exemplo. Bons velhos tempos, quando havia entusiasmo para lutar por idéias, princípios e práticas. Tempos de conflitos que davam sentido à vida, possibilitavam qualificar as pessoas e os grupos, identificar amigos e inimigos. “Este é da libertação, aquele conservador...” E os rótulos não eram luxo dispensável. Aderir ao primeiro grupo podia significar prisão, tortura, morte. Pertencer ao segundo podia levar consigo promoção, influência, poder. Na Igreja e na sociedade. Saudade de Puebla significaria lamentar que tenha acabado a efervescência característica dos anos 70-80. Seria entristecer-se por uma juventude que não vai à guerrilha para mudar a sociedade nem adere a marchas e movimentos, mas se preocupa com roupas de grife, se interroga sobre técnicas para melhor desempenho sexual, sonha com dinheiro fácil. Seria ver hoje só egoísmo e acomodação na sociedade; volta à sacristia e busca de espiritualidade desencarnada na Igreja. Saudade de Puebla seria não perceber os grãos de mostarda que se vão semeando por toda parte.

Saudosismo não leva a nada. Seria mais adequado comemorar Puebla numa **perspectiva historicista**? Seus 20 anos seriam a ocasião de relemburar (ou – para os mais jovens – informar sobre) o que aconteceu naquela jornada que, para quem a viveu, teve por horas sabor quase épico. O aniversário seria oportunidade para a pesquisa documental que revelasse os bastidores da Conferência, caracterizasse os personagens principais, reconstituísse a situação histórica eclesial e societária. Tarefa necessária, mas delicada, pois ainda vivem – e têm poder na Igreja – muitos dos protagonistas de então, mesmo que a colossal mudança no panorama da sociedade e da Igreja suscite a impressão de que se passaram séculos. O historiador necessitaria possivelmente de mais distância para uma análise objetiva. Seria, de preferência, a hora de colherem-se testemunhos, antes que os atores desapareçam; não de estabelecer-se uma interpretação que se pretenda acabada.

Outro caminho mais construtivo para lembrar Puebla, hoje, seria contribuir para que os frutos de Puebla não caíam no esquecimento, mas continuem a alimentar a atualidade, nessa situação tão distinta. Continuar a “**recepção**” de Puebla no horizonte do neoliberalismo e de uma Igreja tentada pela festividade desligada da práxis histórica ou da ação na sociedade. “Recepção” criativa que poderia ser benéfica à Igreja e à sociedade.

A Puebla de que vale a pena fazer memória, é evidentemente a Puebla simbólica, não a Puebla real. Esta, que nos seria devolvida por uma perspectiva historicista, tem muitos aspectos negativos. Não só no seu desenrolar, por vezes demasiadamente humano, mas também no documento que dela resultou. Nem tudo são luzes, nem tudo é ouro no famoso documento, mesmo que se abstraia das modificações introduzidas entre a elaboração e a aprovação do texto pelos bispos reunidos e sua ratificação pela autoridade romana. Mas a Puebla que marcou época e fez história, a Puebla do imaginário eclesial latino-americano, é a Conferência da opção preferencial pelos pobres, das comunidades eclesiais de base, da teologia da libertação (sequer mencionada no documento real), da comunhão e participação, da condenação dos regimes de segurança nacional, aberta para os construtores da sociedade pluralista. É a Puebla do texto antológico sobre os rostos sofrendores. É a Puebla denunciadora da idolatria do sistema vigente. Esta não deve ser perdida. Não pode ser perdida. É fruto maduro do Espírito. Juntamente com Medellín, de que foi – contra a vontade de muitos – a confirmação, Puebla moldou a identidade da Igreja latino-americana e caribenha nos anos 80. E, através disso, deixou sua marca indelével na Igreja universal. Graças a Puebla e sua recepção, a opção preferencial pelos pobres passou a toda a Igreja.

Os tempos mudaram. Não que os pobres tenham desaparecido; pelo contrário, são mais numerosos e sua situação ainda mais trágica e sem saída aparente. Não que a Igreja se tenha reestruturado a partir de pequenas comunidades de base; pelo contrário, tornou-se mais centralizada, autoritária. Não que a teologia se tenha convertido ao pobre e se tenha tornado mais relevante para a vida política, econômica, social; pelo contrário, parece andar buscando novos interlocutores que lhe dêem alguma relevância além dos estreitos muros eclesiais. Não que a Igreja tenha aberto mais espaço de participação e construa assim uma verdadeira comunhão nascida do Espírito que habita cada cristão; pelo contrário, a participação é mais controlada e a comunhão compreendida antes verticalmente do que construída pela participação de todos. Não que os países do Continente se tenham transformado em democracias reais; pelo contrário, sob o manto de uma democracia formal, cometem-se desmandos por vezes mais escandalosos que os do regime militar. Não que os construtores da sociedade tenham ouvido o apelo de justiça social; pelo contrário, o interesse pessoal e grupal parece determinante nas grandes decisões que atingem a sociedade como um todo. Não que já não se idolatrem a riqueza, o poder e o prazer; pelo contrário, sua adoração assume formas ainda mais gritantes e a antitrindade capitalista aparece sob novas faces.

Puebla não deixou, portanto, de ser atual. Cabe continuar sua “recepção”, de forma mais criativa do que outrora, porque não foi em vão que o Espírito inspirou os bispos lá reunidos nem foi de balde que atuou sobre as Igrejas do Continente para selecionarem o melhor do documento e acolherem-no com entusiasmo. Esse acontecimento pentecostal não pode ficar perdido no passado. Outro é o momento; outra a tentação. Mas o Evangelho é o mesmo.

Na Igreja de hoje o grande fantasma é a perda das massas. O perigo já não é o comunismo – vencido e aniquilado –, mas as assim chamadas “seitas”. Há bispos que se apavoram só em pensar que, tendo recebido uma Igreja majoritária, podem ter que entregá-la a seus sucessores como “pequeno rebanho”, desfalcado pela ação dos lobos neopentecostais. Fobia participada por não poucos. Face à ânsia por números, resta lembrar que a Igreja no decorrer de sua história foi movida para tempos melhores e realizou as reformas sempre de novo necessárias – “Ecclesia semper reformanda” – não por força das maiorias que vivem a inércia do tradicional, mas graças ao fermento das minorias que conservam o melhor da grande Tradição, transpondo-a para odres novos. “Abraâmicas” denominou-as, de modo feliz, Dom Hélder Câmara, um dos paladinos dos grandes ideais de Puebla. Minorias capazes de “esperar contra toda esperança”, de crer que Deus pode suscitar vida através da morte (cf. Rm 4,18-25).

Na sociedade, vivemos a avalanche do mercado que leva tudo de roldão, a começar pelas vítimas de sempre, os pobres. Os Estados nacionais perdem seu poder e o bem-estar social deixa de preocupá-los. “Salve-se quem puder”, parece o lema. Quem pode certamente não são os pobres. Novamente aqui vale a ação das “minorias abraâmicas” que não se contentam com suas vantagens, com a estabilidade aparente e a promessa de dias melhores, mas se deixam interpelar pela pergunta crucial que Gustavo Gutiérrez – outro dos construtores da Puebla simbólica – formulou, retomando a justa preocupação do Livro da Aliança (cf. Ex 22,26): “Onde dormirão os pobres?” No mundo criado pelo neoliberalismo, globalizado pelo mercado total, capaz de tudo dominar pelo saber, “onde dormirão os pobres?” As “minorias abraâmicas” continuam despertas para que a pergunta tenha uma resposta honesta e digna e os pobres seu teto, cobertor e alimento.

O Evangelho de Cristo é o Evangelho do Verbo Encarnado que se fez “semelhante a nós em tudo, menos no pecado” (Hb 4,15). Mas é também o Evangelho do Cristo Crucificado, que “se aniquilou a si mesmo (kénosis)... e se fez obediente até a morte e morte de cruz” (Fl 2,7-8). Dois aspectos irrenunciáveis na evangelização que se traduzem na inculturação e na solidariedade com os “crucificados pela injustiça” (aliás, uma expressão de que o documento de Puebla foi expurgado...). O primeiro não pode ser realizado verdadeiramente, quando se perde de vista o segundo, pois é sinal de que a pretensa “encarnação” já aceitou assumir o pecado. Não há inculturação, quando os pobres são esquecidos, porque a encarnação que caracteriza a profissão de fé cristã é a encarnação quenótica, do esvaziamento, da opção preferencial pelos pobres, das minorias, do fermento, do grão de mostarda.

A “evangelização”, que se parece propor para o mundo atual, da hegemonia neoliberal e da submissão às exigências do “marketing”, não vai por aí. Teria que renunciar à causa dos “crucificados pela injustiça” para tornar-se “popular” e ser aceita pelo mercado. Se esse é o preço a pagar para a Igreja continuar majoritária no mundo globalizado e ter as atenções da mídia no mundo da informação total, não pode pagá-lo sob pena de deixar de ser a Igreja de Cristo. Uma Igreja que não se importa com os pobres não é a de Cristo. Uma Igreja que se baseia no triunfalismo não é a do Crucificado. Uma Igreja só da alegria oca dos shows musicais multitudinários não é a do Ressuscitado que traz em seu corpo as chagas da crucifixão. Não que tais momentos não possam ser uma “praeparatio evangelica”, mas apenas “preparação”; ainda não pregação, menos ainda adesão. A visibilidade que a mídia oferece à Igreja sob essas condições não

transmite o Evangelho; é visibilidade mundana em que a Igreja, por medo de ser postergada, tem que renunciar ao profetismo e à quênose.

Encarnação nada tem a ver com a alegria “marketeira” dos shows de auditório. Comunhão e participação não se obtém por “marketing”, de cima para baixo. A mentalidade “marketeira” é mais letal para a Igreja que o comunismo tão temido pelos inimigos de Puebla. Pode talvez deixar intato o corpo da Igreja, sua visibilidade social, mas tire-lhe a alma que a teologia tradicional, com razão, identificava com o Espírito Santo. Visibilidade da Igreja não é o uso de distintivos cléricais, nem bispos e padres aparecerem em todos os programas populares de TV, mas o amor, o único digno de fé, na expressão de Hans Urs von Balthasar. “Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros” (Jo 13,35). Foi a primeira visibilidade eclesial que fazia os pagãos exclamarem: “Vede como eles se amam”. E o amor cristão começa pelos pobres. Foi a grande lição de Puebla, embora a Igreja já a conhecesse desde as origens.

*Procurar visibilidade social a todo o custo, entregando-se às regras do “marketing”, é trair o Evangelho, porque a visibilidade mundana, típica de nossa sociedade da imagem e do simulacro, o medo de ser postergada, porque não aparece na mídia, dilui o profetismo da Igreja. Mais evangélico e eficaz seria tomar a sério a parábola do fermento. A Congregação Geral, órgão legislativo máximo da Companhia de Jesus, reunida em 1995, propunha aos jesuítas algo que poderia ser válido, em geral, para toda a Igreja: o incentivo a **comunidades de solidariedade**. Em três itens exemplifica sua tarefa de promover a justiça “a) no acompanhamento direto aos pobres; b) na tomada de consciência das exigências de justiça, unida à responsabilidade social de realizá-la; c) na participação na mobilização social para a criação de uma ordem social mais justa” (Congregação Geral XXXIV, decreto 3: “Nossa missão e a justiça”, nº 19). Tais comunidades – mais amplas que as comunidades de base incentivadas por Puebla, porque não necessariamente constituídas de pobres nem sequer de cristãos – constituiriam uma forma de minar a injustiça da sociedade e construir, a partir de baixo, um modelo alternativo. Seriam as “minorias abraâmicas” organizadas, hoje. Tais comunidades já existem. Cabe articulá-las, para que, como uma rede, permeiem toda a sociedade e ajudem assim a restaurar o tecido roto pela injustiça.*

Nosso tempo – como todo tempo que Deus nos concede viver – é um tempo de graça. Toda graça é graça de Cristo, Crucificado e Ressuscitado. Quem viveu Puebla sabe como pareciam escuras as nuvens

no céu da sociedade e da Igreja. Puebla aconteceu, foi “recebida”, produziu frutos. Continuará a produzi-los, enquanto houver “minorias abraâmicas” que busquem saídas. E elas existem.

Frei Betto – que na condição de jornalista publicou o “Diário de Puebla” – escreve hoje sobre perspectivas de otimismo que aparecem no horizonte e as exemplifica: “a cartesiana medicina ocidental abre-se à acupuntura; na política fala-se cada vez mais de ética; nas religiões recupera-se a dimensão mística; só falta fazer com que o capital esteja a serviço da felicidade. Então reencontraremos as veredas do Éden”.